

EDITORIAL

Somos sujeitos do conhecimento, mas vivemos num tempo de incertezas sobre aquilo que acreditávamos conhecer. O futuro nos parece cada vez mais distante e o que entendíamos ter sido conquista em muitos aspectos da vida social, já não é mais evidente à maioria das populações. O pensamento neoliberal, que possibilitou a mercantilização da vida nas suas mais diferentes formas e maneiras, parece estar mais evidente hoje do que em quaisquer outros tempos.

Inspirados no texto do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, intitulado “A incerteza entre o medo e a esperança”, publicado no *Jornal de Letras, Ideias/ensaio*, 14 a 27 de setembro de 2016, é que damos direção ao nossos argumentos iniciais.

Afirma o exímio pensador que “o medo e a esperança não estão igualmente distribuídos por todos os grupos sociais ou épocas históricas. Há grupos sociais em que o medo sobrepuja de tal modo a esperança que o mundo lhes acontece sem que eles possam fazer acontecer o mundo. Vivem em espera, mas sem esperança”. Entretanto, na continuidade, alerta que também há grupos sociais em que “a esperança sobrepuja de tal forma o medo que o mundo lhes é oferecido como um campo de possibilidades que podem gerir a seu bel-prazer”. Grande parte dos grupos sociais vive esses dois extremos; de um lado, os que vivem no medo e, de outro lado, os que vivem na esperança. Entretanto a grande maioria dos grupos vive na incerteza. O importante, nesse aspecto, é o resultado que provoca, isto é, a espantosa diferença entre pobres e ricos, cada vez mais avassaladora no mundo. Pobres que vivem no medo, na incerteza, e ricos que vivem na esperança.

Alerta ainda Boaventura que “não admira, pois, que durante muito tempo as maiorias tenham visto a democracia de pernas para o ar: um sistema de processos incertos cujos resultados eram certos, sempre ao serviço dos interesses das classes e grupos dominantes”.

Tomando estas ideias como reflexão inicial é que apresentamos a presente edição da Revista *Professare*.

Parte significativa dos textos que compõem esta edição retrata questões inerentes à relação medo e esperança. Os estudos atestam a diversidade da vida e é nesta perspectiva que eles são apresentados.

Mari Margarete dos Santos Forster, professora-pesquisadora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, faz um importante relato sobre a importância da pesquisa em parceria entre a universidade e a escola na formação de professores, apontando desafios, limites e possibilidades. Nesse sentido, alerta Forster que “vivemos tempos marcados pela fragmentação, pelos aligeiramentos, pelas flexibilizações, pela produtividade e eficácia, aonde a formação de professores é, concomitantemente, um dos campos mais investigados e menos valorizados. A pesquisa é constituída a partir de uma relação entre a universidade e a escola. “A universidade aprende com a escola e, da mesma forma, a escola aprende com a universidade! [...] Esse aprender não se restringe a conhecimentos tácitos, nem mesmo aos ditos científicos; é um aprender que envolve sujeitos, pessoas diferentes, com histórias diversas que dão sentido à falta de sentido que habita os universos institucionais”.

Flaviana Demenech e Adriana Dickel realizam uma importante investigação sobre a Cultura Escolar e Cultura da Escola: produção e reprodução a partir dos fatores intraescolares. O trabalho analisa como as tensões, novas e antigas contradições são (re)produzidas na escola pública à medida que a heterogeneidade adentra a escola e nela permanece, confrontando-se com a homogeneidade impregnada em seu projeto cultural, historicamente construído. Consideram as autoras do trabalho que, apesar de cada escola possuir sua identidade, a cultura da escola, criada a partir de seu contexto e sua demanda, ainda assim a cultura escolar está presente, sustentando-se institucionalmente, produzindo e reproduzindo tensões, novas e antigas contradições.

Manoelito Costa Gurgel, da Universidade Federal do Ceará, analisa as representações de professores em formação inicial sobre o estágio de regência e problematiza os seus efeitos formativos. Seu trabalho intitula-se “A Gente Tá Louca pra se Formar!”: representações sobre o estágio e implicações para a formação inicial de professores

de língua materna. As análises são desenvolvidas a partir da disciplina de Linguística Aplicada produzidas por estagiárias de docência. Para o autor, as estagiárias, durante a disciplina, não ressignificaram suas representações - elas estão relacionadas, sobretudo, a preocupações burocráticas, como o cumprimento da carga horária da disciplina.

Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco, doutoranda da Universidade Federal do Pará, apresenta um estudo teórico acerca das concepções históricas sobre a criança nos estudos da infância. *A Participação e a Escuta das Vozes Infantis como Elemento Norteador da Educação de Crianças* é o título do trabalho que procura explicar o quanto a construção social da infância trouxe aos diversos campos de estudos científicos, concepções e modelos idealizados de infância e de criança, produzindo estereótipos e homogeneizando os sujeitos infantis a partir de uma compreensão universal de infância, que as isolou das questões e das suas condições sociais, econômicas, históricas e culturais de existência; mostra também o quanto historicamente as vozes das crianças foram silenciadas como resultado de os estudos da infância terem transformado a criança como um objeto a ser estudado.

Focando o ensino da literatura no ensino médio, Alexandre Leidens e Fabiano Tadeu Grazioli apresentam, numa perspectiva teórico-prática, o texto intitulado *Leitura Literária e o Método Recepcional: Possibilidades de Recepção das Obras “A Cruzada Das Crianças”, de Bertolt Brecht, e “Fumaça”, de Antón Fortes*. Acredita-se que apresentar uma proposta didática a partir do método, visando à emancipação dos estudantes e utilizando-se de temas que lhes despertam interesse, seja um quesito facilitador para o professor e fundamental para os estudantes entenderem como e porque a leitura e a recepção literária são importantes.

Discurso e Poder: um olhar sobre a Obra Terra Caída, de José Potyguara, é mais um destaque desta edição da Revista *PROFESSARE*. Keila Maria Silva Teixeira Oliveira, Miguel Nenevé e Sônia Maria Gomes Sampaio, todos do programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), realizam um interessante trabalho sobre a estrutura de poder no seringal durante o Ciclo da Borracha no Acre, sob a ótica pós-colonialista. Para poder identificar como funcionam estas relações, observa-se a fala de quem

detém o poder no seringal. Os homens que chegam ao Acre são movidos pela esperança de melhorarem suas vidas; entretanto, as dificuldades climáticas e endêmicas para que a história se desenrolasse num pano de fundo de desafios diários.. Embora seja um estudo sobre um romance, o trabalho traça muito bem o perfil histórico dos trabalhadores da época, oriundos da seca no Nordeste e sedentos de melhoria de vida.

O penúltimo estudo desta edição trata de uma temática significativa para os dias atuais, Corpo - Corporeidade e os Jogos: uma reflexão preliminar. José Gilvane Lauer e Paulino Eidt mostram que o movimento faz parte da existência humana. As instituições educativas, independentemente dos níveis, precisam considerar o desejo de movimento. O respeito pelas diferentes habilidades pode gerar interações positivas, desafiadoras, reveladoras de autonomia, criticidade e criatividade, aspectos inerentes ao processo de aprendizagem. A linguagem corporal precisa ser o centro da educação, principalmente na iniciação esportiva. Na criança, essa linguagem do movimento é a própria forma de expressão e comunicação do seu ser.

Como último texto desta edição, Thais Ivete Kusinski Gatti apresenta uma resenha sobre a formação de professores baseada na obra de Tardif, Saberes docentes e formação profissional. A autora mostra que Tardif desenvolve os seus estudos a partir da situação do profissional docente no ensino superior, destacando a necessidade do saber fazer e do saber ser. Faz importante observação sobre a obra quando salienta que os profissionais hoje formados nas universidades não aprendem como lidar com a diversidade do dia-a-dia, demonstrando a ausência dos saberes necessários para exercer a carreira de magistério.

Para finalizar este editorial, cabe retomar a nossa reflexão somando mais um pensamento de Boaventura de Sousa Santos: “A luta terá mais êxito, e a revolta, mais adeptos, na medida em que mais e mais gente se for dando conta de que o destino sem esperança das majorias sem poder é causado pela esperança sem medo das minorias com poder”.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

*Ludimar Pegoraro
Ezequiel Theodoro da Silva
Caçador, SC, agosto de 2016.*